

Inquérito: Livros Infantojuvenis

A arte de escrever para os mais novos

Álvaro Magalhães (*Os Indomáveis*, *O Estranhão* e *O Olho de Lince*), Maria Inês Almeida (*Diário de uma garota como tu*), Margarida Fonseca Santos (*A Escolha é Minha*) e Nuno Caravela (*O Bando das Cavernas*) revelam preocupações e “segredos” das suas coleções de livros para crianças e jovens

1. Qual a ideia ou conceito da sua série de livros?
2. O que poderá fazer a diferença nas primeiras experiências com a leitura?
3. Qual o segredo de escrever para jovens?



ÁLVARO MAGALHÃES

1. Não escrevo para transmitir ideias, conceitos, mensagens, apenas tento usar o melhor que sei essa prodigiosa capacidade que as palavras têm de criar mundos e sentidos. E tento fazê-lo de modo a que todos possam ler com proveito e prazer, seja qual for a idade. E, às vezes, consigo. Claro que há encontre propósito nos meus livros, mas encontram-nos porque os querem ver, tal como aquelas pessoas que veem ursos e dragões nas formas das nuvens.

2. Para um jovem se entregar à leitura nos tempos que correm, em que ele tem ao seu alcance tantos outros apelos, e muito mais fáceis de fruir, o livro terá de o cativar, de o prender. O que, por vezes, só acontece depois de várias tentativas. Nunca se sabe quando irrompe a chispa que acende o fogo interior do leitor.

Outra coisa: se essa iniciação for mediada por alguém que seja capaz de contagiar leitores, transmitindo a paixão da leitura, isso pode ajudar bastante.

3. O segredo é fazer com que esses livros agradem, naturalmente, aos mais novos, mas também aos adultos. A boa literatura infantil é a que é também boa literatura ‘para’ adultos, isto é, que é boa literatura “tout court”. Já Fernando Pessoa e Vergílio Ferreira o disseram há muito. Talvez o grande problema da literatura enviada aos mais novos seja justamente o facto de haver tantos livros que são “só para crianças”. A crença de que elas são criaturas impreparadas, incompletas, que não acedem aos materiais literários é a mãe dessa literatura infantilizada, de textos rasos, planos, que encerram a linguagem na sua função

utilitária e, na maioria dos casos, cumprem objetivos pedagógicos ou comerciais.

E, no entanto, todas as crianças são sensíveis ao carácter gratuito e livre do jogo poético, ao ritmo, às imagens, mesmo às que aparentemente são mais desprovidas de lógica. Podem não ser capazes de penetrar na totalidade organizada de algumas peças, mas reagem perfeitamente a certas imagens, a certos momentos poéticos ou “musicais”. Quando se diz que uma criança não percebe um texto, ignora-se que quem lê-lé-se a si mesmo, com a sua experiência, com a sua cultura, com a sua sensibilidade e, claro, com as suas circunstâncias; e ignora que essa leitura é tão válida como a de qualquer adulto eruditão.



MARGARIDA FONSECA SANTOS

1. A coleção *A Escolha É Minha* tem um subtítulo: Nem sempre podemos escolher o que acontece na nossa vida, mas podemos sempre escolher como vamos reagir ao que acontecer.

Esta coleção abrange vários temas, entre os quais a homossexualidade, o divórcio, a morte, o bullying, o alcoolismo de uma mãe, a questão dos incêndios, os traumas que nos limitam, e também mostra as boas práticas que modificam o equilíbrio entre os jovens, a sociedade e a escola, sendo o melhor exemplo disto o último livro: “Confia na mudança”. É preciso falar destes temas.

Na gênese da ideia para estes livros, encontra-se a ausência de moralismos ou ensinamentos. Têm um final aberto, dão liberdade para pensar. Recuso-me a assumir que

sei mais do que os jovens leitores. Não sei, e apenas lhes mostro caminhos para que possam ver possibilidades para lidar com a vida.

São livros com finais que nos levam a sorrir, com humor, muitos diálogos, com cabras, uma que trepa às oliveiras, outra, de nome Maria Fernanda, de instinto apuradíssimo.

Guardo, dos tempos em que conseguia ir às escolas com esta coleção, momentos comoventes, de partilhas extraordinárias. Cresço sempre que falo com os leitores.

2. Nas primeiras leituras, seja em que idade for, o mediador escolherá vários livros para o grupo. Às vezes, a pessoa escolhe pela largura da lombada. Sem problema, se for um livro interessante, irá vingar.

E acredito na leitura em voz alta. Se quem está com crianças, jovens e adultos ler em voz alta ou contar uma história, a curiosidade instalar-se-á e caminharemos para a leitura. Não há ninguém que resista a uma boa história (de outra forma não haveria conversas pelo serão dentro, séries, filmes, teatro, dança, Arte). Esta estratégia é cada vez menos utilizada à medida que os jovens vão crescendo. O mediador assume que o jovem não precisa deste momento. É falso, precisamos todos. As histórias criam laços entre pessoas e o mundo. É urgente ler em voz alta para quem está à nossa frente. Leitura gratuita, para ouvir e pensar. Sem consequências a não ser o prazer de ouvir, sem resumos nem perguntas.

3. Penso que já expliquei um pouco disto logo no primeiro ponto. Se escrevemos a pensar que vamos ensinar coisas, estamos a resvalar para textos de fim fechado, moralizantes. Temos de acreditar nos nossos leitores, deixar que descubram a vida, os caminhos, as emoções (todas elas).

Pode parecer egoísta, mas eu escrevo para mim, escrevo livros que gostaria de ler. Livros que, ao reler a versão final, me comovem,

me emocionam e fazem sorrir, que sinto. Há livros que vão para o lixo. Se me aborreçem, não ousaria obrigar outros a lê-los. Os leitores, por vezes, admiram-se ao ouvir isto.

Escrivo, primeiro que tudo, para mim, é isso. Não sei se é o segredo para escrever – é o meu segredo para escrever melhor.



NUNO CARAVELA

1. O objetivo da coleção de livros *O Bando das Cavernas* é incentivar o gosto pela leitura. Levar os jovens leitores a descobrir o fantástico jogo entre a imaginação de quem escreve e de quem lê, para que percebam que quando a sua própria imaginação e a do autor se encontram nas páginas de um livro o resultado é sempre uma viagem fantástica.

2. Na literatura infantojuvenil é fundamental, não só encontrar conteúdos adequados que surpreendam e divirtam, mas também a forma de passar a mensagem. Quanto mais cativantes forem os conteúdos e a forma como elas são transmitidos, mais surpreendente será o livro. É a surpresa que faz um leitor ou leitora na fase das primeiras leituras autónomas querer continuar a descobrir livros ao longo da vida.

3. O segredo é conseguir que os jovens leitores fiquem tão concentrados nas personagens dos livros, que afinal são da idade deles, falam e comportam-se como eles, têm gostos, medos e alegrias semelhantes, ao ponto de, por momentos, imaginarem que elas existem mesmo, esquecendo o autor do texto.



MARIA INÉS ALMEIDA

1. Esta Francisca, personagem principal, surgiu muito naturalmente. Para mim, era importante termos uma personagem preocupada com o Mundo em que vivemos, com causas ambientais, mas também com tudo aquilo que vive uma pré-adolescente: a família, a escola, os amigos, as paixões, as transformações do corpo, etc. E com humor, pois a vida sem ele não tem tanta graça. Curiosamente, as mães/ pais também se têm identificado muito com o lado dos pais. A Francisca no primeiro diário tinha 9 anos e agora já vai fazer 12. A coleção tem crescido e ela também.

2. Eu diria, no caso destes diários, os pequenos pormenores que fazem parte da realidade pré-adolescente. O objetivo da coleção (do título) é que quem lê sinta mesmo essa identificação. Que possam dizer: “Esta Francisca é tão parecida comigo”. Tem os mesmos medos, preocupações, dilemas, desejos, etc. É de carne e ossos. Não tem superpoderes. O seu superpoder é o humor e a vontade de cuidar do Planeta Terra e contagiar quem lê também para essa causa. Isso tem sido conseguido e deixa-me muito feliz. Os Diários também estão a ser publicados no Brasil e agora vão ser publicados no México.

3. Talvez o segredo seja não ter segredo e apenas o prazer de escrever. Com verdade, com o coração. Saber que os jovens gostam do que estão a ler é o que realmente me importa. E que estes livros tenham sido uma viagem, uma descoberta, um passaporte para qualquer lugar e para outros livros. **JL**